

Papa Francisco *convida a descobrir pequenos gestos concretos de proximidade com as pessoas*



O Papa Francisco vive atualmente no Vaticano, acompanhando de perto as notícias sobre o surgimento do coronavírus. No domingo passado, 15 de março, foi rezar em Santa Maria Maggiore e na igreja de San Marcello al Corso. Na terça-feira, 17 de março, ele disse ao jornal italiano Repubblica o que esses dias estão lhe ensinando.

“Nestes dias difíceis, podemos redescobrir aqueles pequenos gestos concretos de proximidade com as pessoas mais próximas a nós, um carinho aos nossos avós, um beijo aos nossos filhos, às pessoas que amamos. São gestos importantes e decisivos. Se soubermos como viver, então estes dias não serão desperdiçados”.

Santo Padre, o que o senhor pediu quando foi rezar nas duas igrejas romanas?

“Pedi ao Senhor para deter a epidemia: Senhor, pare-a com a sua mão. Rezei por isso”.

Como podemos viver esses dias para que não sejam desperdiçados?

“Precisamos redescobrir a concretude das pequenas coisas, dos pequenos cuidados que devemos ter com nossos parentes, familiares e amigos. Compreender que as pequenas coisas são nosso tesouro. Há gestos mínimos, às vezes perdidos no anonimato da vida cotidiana, gestos de ternura, carinho e compaixão que, no entanto, são decisivos, importantes. Por exemplo, um prato quente, uma carícia, um abraço, um telefonema... São gestos familiares de atenção aos detalhes de cada dia que fazem a vida fazer sentido e que há comunhão e comunicação entre nós”.

Não costumamos viver assim?

“Às vezes, apenas vivemos uma comunicação virtual entre nós. Em vez disso, devemos descobrir uma nova proximidade. Um relacionamento concreto feito de cuidado e paciência. Muitas vezes, as famílias, em casa, comem juntas em grande silêncio, mas não é para ouvir um ao outro melhor, mas sim porque os pais assistem a TV enquanto comem e os filhos estão focados em seus telefones celulares. Eles se parecem com monges isolados um do outro. Portanto, não há comunicação; ao contrário, ouvir-nos é importante porque entendemos os problemas de cada um, suas necessidades, esforços e desejos. Existe uma linguagem feita de gestos concretos que devem ser salvaguardados. Na minha opinião, a dor destes dias deve nos abrir ao concreto”.

Há muitas pessoas que perderam entes queridos, enquanto muitas outras estão lutando para salvar outras vidas. O que o senhor quer lhes dizer?

“Agradeço àqueles que se dedicam dessa maneira aos outros. Eles são um exemplo dessa sensibilidade em relação ao concreto. E peço que todos estejam próximos daqueles que perderam entes queridos e tentem estar próximos deles de todas as maneiras possíveis. O conforto deve ser o compromisso de todos agora. Nesse sentido, fiquei muito impressionado com o artigo escrito por Fabio Fazio, em Repubblica, sobre as coisas que ele está aprendendo nesses dias”.

O que o impressionou em particular?

“Muitas passagens, mas em geral o fato de que nosso comportamento sempre afeta a vida dos outros. Ele está certo, por exemplo, quando diz: ‘Tornou-se evidente que aqueles que não pagam impostos não apenas cometem um delito, mas também crime: se faltam camas e aparelhos de respiração, a culpa também é deles’. Isso realmente me impressionou”.

Como alguém que não crê pode viver com esperança, hoje em dia?

“Somos todos filhos de Deus e estamos sob o seu olhar. Mesmo aqueles que ainda não encontraram Deus, aqueles que não têm o dom da fé, podem encontrar aí seu caminho, nas coisas boas em que acreditam: podem encontrar força no amor por seus filhos, sua família, para com seus irmãos e irmãs. Alguém pode dizer: ‘Não posso orar porque não sou crente’. Mas, ao mesmo tempo, ele pode acreditar no amor das pessoas ao seu redor e encontrar aí a esperança”.